

Juventudes e expressões juvenis na contemporaneidade: Novos coletivos e identidades da categoria juvenil

Joyce Maira de Souza

Educadora Social. Graduada em Serviço Social pela Universidade do Vale do Paraíba. Especialista em Juventudes no Mundo Contemporâneo pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise bibliográfica das pesquisas realizadas sobre a categoria juvenil, a participação social da mesma e a novas formas de organizações coletivas que a juventude apresenta ao longo de sua trajetória no Brasil. Fazendo um recorte as expressões juvenis do Estado de São Paulo, com informações que influenciaram a mesma no âmbito nacional. A metodologia escolhida é a dedutiva e privilegiando o olhar interdisciplinar para a temática em questão. O artigo traz ainda as reflexões sobre formações de grupo e desenvolvimento humano da psicologia social, identificando as formas de organizações juvenis, suas atuações e novas roupagens dos movimentos.

PALAVRAS CHAVE:

Juventudes; participação e coletividade.



ABSTRACT

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise bibliográfica das pesquisas realizadas sobre a categoria juvenil, a participação social da mesma e a novas formas de organizações coletivas que a juventude apresenta ao longo de sua trajetória no Brasil. Fazendo um recorte as expressões juvenis do Estado de São Paulo, com informações que influenciaram a mesma no âmbito nacional. A metodologia escolhida é a dedutiva e privilegiando o olhar interdisciplinar para a temática em questão. O artigo traz ainda as reflexões sobre formações de grupo e desenvolvimento humano da psicologia social, identificando as formas de organizações juvenis, suas atuações e novas roupagens dos movimentos.

KEY WORDS:

Youth; participation and collectivity.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por finalidade realizar uma análise bibliográfica acerca das pesquisas relacionadas à categoria juvenil. Trazendo reflexões sobre as diversas formas de participação social no Brasil, em especial no estado de São Paulo.

As expressões juvenis observadas na era industrial, suas atividades, expressões, movimentos contra cultura, cultura periféricas e as expressões juvenis e transformações no âmbito da política. Utilizando a bibliografia de Abramo, Groppo, Almeida entre outros para analisar como as transformações no cenário juvenil afetam a sociedade e conseqüentemente ela os afeta.

Trazendo a reflexão da formulação de grupos da Silvia Lane na psicologia social, para compreender as expressões em grupo e como as mesmas se apresentam ao longo do desenvolvimento da vida de cada indivíduo.

Refletindo ainda sobre as identidades juvenis e suas transformações no contexto social.

JUVENTUDES E SUAS EXPRESSÕES AO LONGO DA HISTÓRIA

O que é ser jovem? Como e em quais circunstâncias se reconhece um jovem? Jovens são naturalmente revolucionários? A Juventude está alienada? Os jovens podem mudar o mundo? Perguntas como esta são

frequentes quando falamos de juventude. Existe uma fala social onde se afirma que o jovem é o futuro, de jovens estamos falando? Em quais espaços eles se encontram? A mudança virá de onde?

Para começar esse diálogo é necessário entender de que jovem estamos falando, quais as condições socioeconômicas, culturais e histórica que ele(a) vive. Não há respostas finitas quando falamos desse assunto já que a juventude não é um fim e sim o período de experiências e acontecimentos que passaram a ser valorizados e observados a partir de sua emergência social.

Esta faixa etária não tem caráter absoluto e universal. É um produto da interpretação das instituições das sociedades sobre a sua própria dinâmica. "A juventude trata-se de uma categoria social usada para classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres." (GROPPO, 2000 p. 11).

Os estudos sobre este período da vida são provenientes das pesquisas sobre o desenvolvimento humano na área da ciência, psicologia, medicina, sociologia entre outros onde se percebeu que este era o período significativas transformações tanto individuais quanto sociais.

Segundo Groppo (2000), surge no século XVIII e em todo o século XIX, diversos ciclos de preocupação com a "delinquência" e/ou promiscuidade juvenil das classes trabalhadoras se deram, conforme a industrialização e a urbanização iam se aprofundando e se estendendo pelos países da Europa e, logo, para todo o mundo.

Sendo assim segundo Groppo (2000), desde seu início, o "problema da juventude" mobilizou quadros intelectuais (cientistas, juristas, políticos, pedagogos, psicólogos, médicos etc.) A juventude passa a ser definida de acordo com os interesses do Estado e das Instituições socializadoras. Afinal quando começa e termina a juventude? Para critério de classificação a idade e as fases do desenvolvimento humano passam a serem os meios para se analisar e melhor definir este período.

Tais grupos juvenis e instâncias de socialização criam a "realidade" social de indivíduos com idades semelhantes vivendo próximos, convivendo juntos, ou, no caso do mercado de consumo, pensando e se comportando de modo semelhante mesmo distante no espaço. Mas é justamente desta convivência forçada que nasce a possibilidade destes indivíduos criarem identidades, comportamentos e grupos próprios e alternativos às versões oficiais. (GROPPO, 2016, p.5)

Em Cenas Juvenis, Abramo 1994, traz o processo de reconhecimento Juventude do Brasil, que em meados dos anos 70 e 80 introduziram transformações significativas da juventude ainda não suficientemente pesquisadas, mas é possível identificar uma mudança sensível na composição da categoria juvenil.

Um período marcado por manifestações das expressões da juventude que segundo Abramo gerou uma "fixação" do modelo ideal do comportamento juvenil. A década de 60 foi marcada por Movimentos Estudantis e Juvenis que atingiram, no período, um grau máximo de utopias e de capacidade de interferência nos acontecimentos sociais. Período importante

para refletirmos os movimentos juvenis, mas que no contexto geral cristalizou a definição de juventude, sendo ela sempre referenciada a este modelo, quando fora desse contexto é taxada como "alienada" ou "delinquente" como vai dialogar Groppo.

Segundo Almeida (2010) a psicologia e mesmo a sociologia produziram uma série de estudos sobre a juventude, que de certa forma, contribuíram para reforçar estes estereótipos que a consideram sinônimo de *problema*. Almeida ainda traz a reflexão dessa categoria sendo responsabilizada e pressionada a criar uma nova sociedade.

Pesquisadores da categoria juvenil trazem então a reflexão de que não é possível existir somente uma juventude, e que não é possível defini-la somente em "Revolucionária", "Alienada" e/ou "Delinquente". É necessário fazer uma análise de conjuntura, trazendo questões socioeconômicas, culturais, psíquicas e histórica. Quando fazemos a reflexão do movimento estudantil estamos falando de jovens de classe média, e os jovens das camadas populares? Abramo 1994, traz a reflexão de estes jovens ganham visibilidade quando o movimento estudantil perde expressividade e uma variedade de figuras juvenis, sendo identificadas inicialmente pelo consumo e determinados bens culturais.

Com a diversidade apresentada no cenário Juvenil, movimentos e expressões, a sociologia começa a insistir na necessidade de se falar em várias *juventudes*, afirma Abramo, para contemplar as diferenciações sociais da condição juvenil.

Nessa perspectiva é preciso salientar que na década de 90 as juventudes saem as ruas para pedir o impeachment do então Presidente

Collor e ganha mais uma vez a visibilidade na atuação política, isso nos traz novamente a reflexão de onde estavam os jovens na década de 70 e 80? Período este que foi marcado pela forte inserção do movimento Punk, Hip Hop e do Funk nas cidades de São Paulo, Brasília e Rio de Janeiro como afirma Abramo.

Em Brasília o movimento punk surge com jovens dos jovens filhos de diplomatas e de professores da UNB em sua maioria, em terras paulista o movimento surge com os filhos de operários do ABC como descreve Rodrigues. Abramo aborda ainda a importância deste movimento, quando a juventude passa a circular e frequentar espaços criados para que pudessem "curtir o Rock", já que o acesso a vinis e fitas cassetes era inviável para a maioria, sendo vinis e fitas cassetes trazidos do exterior com as bandas mais visíveis no período. Juventude Rebelde, contra o sistema, anarquista são umas das características do movimento.

No Rio de Janeiro o funk surge na periferia, criando espaços de lazer e produção cultural, da mesma forma o hip hop em São Paulo, criando movimentos e atuações independentes sendo até hoje tratadas como cultura marginal. O hip hop assim como em sua origem traz as duras reflexões sobre a realidade cotidiana das periferias.

Todo mundo devia nessa história se ligar por que tem muito amigo que vai pro baile dançar, esquecer os atritos, deixar a briga pra lá E entender o sentido quando o DJ detonar (Rap do Silva, 1980)

Às vezes eu paro e reparo, fico a pensar qual seria meu destino senão cantar um rejeitado, perdido no mundo, é um bom exemplo irei fundo no assunto, fique atento A sarjeta é um lar não muito confortável

O cheiro é ruim, insuportável
O viaduto é o reduto nas noites de frio
onde muitos dormem, e outros morrem,
ouviu ?
São chamados de indigentes pela
sociedade
A maioria negros, já não é segredo, nem
novidade
Vivem como ratos jogados,
homens, mulheres, crianças,
Vítimas de uma ingrata herança
A esperança é a primeira que morre
E sobrevive a cada dia a certeza da
eterna miséria
O que se espera de um país decadente
onde o sistema é duro, cruel,
intransigente (Beco sem Saída,
Racionais Mc's 1994)

Esse período também é marcado pelo consumo de produtos específicos, cada grupo tinha um jeito de se vestir, a indústria audiovisual aumenta então suas ofertas para atender as demanda da época. De delinquentes rebeldes aos consumidores em questão.

Juventude trabalhadora e juventude estudantil ganham notoriedade acadêmica, segundo Abramo 1994, nas ultimas duas décadas os estudos sobre a categoria juvenil, tirando do foco a reflexão sobre a juventude que não está inserida no mercado de trabalho e por razão ou consequencia não estão também inseridas nas escolas. Como se essa juventude não estivesse em lugar algum, "invisibilizada". Juventude "nem, nem", nem trabalha e nem estuda, mas existe e produz cultura.

As formas de expressões juvenis se alteram ao longo dos anos, o que nos faz novamente repensar e refletir essa categoria não como algo finito e sim em constante transformação.

PARTICIPAÇÃO POLITICA E AS EXPRESSÕES JUVENIS NO CENÁRIO NACIONAL

No periodo de redemocratização do Brasil, "umas das reivindicações da sociedade civil é a de garantir a participação nos rumos da politica do país, para alem do processo eleitoral" afirma Almeida. Periodo marcado pela promulgação da Constituição Federal de 1988, conhecida como a Constituição Cidadã, periodo marcada também por conferencias e para diversos setores e segmentos sociais e a criação de conselhos de direito.

Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988)

A década de 90 é marcada pela extinção do Codigo de Menores e a Promulgação do Estatuto da Criança e do adolescente que traz as definições de cada periodo, sendo criança de 0 à 12 anos e adolescentes de 12 á 18 anos, com garantias de proteção integral na forma da Lei.8.074/1992. Sendo dever da familia, da comunidade e da sociedadeem geral e do poder publico a efetivação dos mesmos. Logo começam a acontecer por todo país foruns e conselhos para garantia e efetivação destas, organizadas pela sociedade civil, o que segundo Almeida traz a cena novos atores sociais em torno de diferentes frentes de luta, não somente de crianças e adolscentes como saúde, educação e tantas outras previstas na constituição e estatutos.

A juventude entra em cena novamente, depois do movimentos estudantil, os movimentos da periferia (Punk, Funk e Hip Hop), tinham características proprias, cada

grupo defendia a sua bandeira isoladamente, em muitos momentos a junção dos mesmo em um único espaço era impensável afirma Almeida 2010. O autor traz o contexto histórico das primeiras experiências coletiva dos movimentos juvenis, ocorreu em 1998, em Brasília o Festival Nacional de Juventude. Nem todas as expressões juvenis se fizeram presentes, mas a experiência é considerada um dos embriões da discussão que envolveu diversas entidades e grupos juvenis na criação de um Fórum Nacional de Organizações Juvenis.

Em 2003 foi criada a Comissão Especial de Políticas Públicas para a Juventude, a discussão passou a fazer parte da agenda governamental do país. No segundo semestre do mesmo ano acontece a Semana Jovem, que reuniu lideranças e ganha força então a discussão sobre a criação do Plano Nacional da Juventude. Em 2005 é criada a Política Nacional de Juventude e no mesmo ano a Secretária Nacional de Juventude, o Conselho Nacional de Juventude CONJUV.

Em 2008 acontece a 1ª Conferência Nacional de Juventude, com o tema "Levante sua Bandeira", que mobilizou segundo a Secretária Nacional de Juventude, mobilizou mais de 400 mil pessoas, em conferências estaduais, regionais, municipais e livres.

Em 2011, primeiro ano do primeiro mandato da Presidente Dilma, foi realizada a 2ª Conferência Nacional de Juventude, com aproximadamente três mil participantes, dos quais 90% eram da sociedade civil. Esse evento é resultado da mobilização de aproximadamente 550 mil jovens em todo o país.

Em junho de 2013 um grande movimento toma conta das grandes cidades, manifestações acontecem em todo Brasil pela redução da passagem, o que começou pelos R\$0,25 terminou com protestos pelo fim da corrupção, mais educação, mais saúde e até pelo fim do mandato da presidente. Conhecida Nacionalmente como as Jornadas de Junho chama atenção à forma de organização e a utilização das mídias sociais para a mobilização nacional. Uma parte expressiva da juventude, em um movimento sem lideranças e a partidária.

O direito a ter direitos, que alimentou as lutas dos anos 1970 e 1980 e inspirou a Constituição e a emergência de novos atores no cenário político, parecia esvanecido no contexto da formação de uma espécie de hibridismo de Estado, desenvolvimentista e neoliberal, com uma cultura política e um modelo político-eleitoral herdados da ditadura. (Cidades Rebeldes, Rolnick. pag. 11)

Em 2013 é promulgada a Lei 12.852/2013, lei essa que reconhece a população jovem do Brasil como sujeito de direitos, regulamenta e estabelece esses direitos aos jovens brasileiros de 15 a 29 anos, definindo obrigações do da família, da sociedade e dos governos para as pessoas desta faixa etária.

Mesmo com os ânimos agitados por conta das mobilizações que afetaram significativamente as bases do governo, em 2015 acontece a 3ª Conferência Nacional de Juventude, como o tema "As varias formas de mudar o Brasil". As conferencias se tornaram um espaço fundamental para encontro, partilhas, reconhecimentos e identificação das diversidades juvenis em todo Brasil. Durante a

conferência, manifestações e notas de repúdio aconteceram, sem maiores conflitos entre os grupos presentes, JPMDB, JPT, Coletivos feministas, povos tradicionais, movimento negro, pastoral da juventude, juventude evangélica, juventude LGBT, ainda que com suas bandeiras, pensando conjuntamente as varias formas de mudar o Brasil.

Mas a juventude mostra-se organizada e não somente na nacional, as mobilizações municipais, regionais, estaduais e livres trazem a tona um numero significativo de coletivos, agrupamentos e instituições que atuam com juventude e são compostas pelas mesmas.

A própria vontade de intervir na distribuição do poder tem-se dado de forma alternativa, pois, por meio de foruns ou conselhos, diversos grupos juvenis com identidades variadas (religiosas, culturais, étnicas..) tem exercido uma nova vocação politica em que nem mais a estrutura partidária, nem uma burocracia tornan-se o resultado final da prática politica. (ALMEIDA, 2010. Pag 75)

Almeida 2010 apresenta as organizações juvenis trazem uma nova roupagem que não há espaço para ação do poder publico. Os novos grupos trazem uma atuação de exercicio e pratica afirma ainda o autor, pois as politicas institucionizadas não respondem as seus projetos de sociedade.

O antagonismo dos movimentos juvenis é eminentemente comunicativo do ponto de vista de sua natureza. Nos últimos trinta anos a juventude tem sido um dos atores centrais Juventude, tempo e movimentos sociais em diferentes ondas de mobilização coletiva: refiro-me a formas de ação inteiramente compostas de jovens, assim como à participação

de pessoas jovens em mobilizações que também envolveram outras categorias sociais. (MELUCCI, 1989, 1996b)

Em hipótese alguma desconsideramos a importância das ações afirmativas do governo na atuação destes grupos. No entanto a juventude se organiza em cima de suas demandas e se reconhece como sujeito de direito, a crise não é das juventudes, a crise aqui se trata da esfera institucional. A juventude reivindica em movimentos e ações coletivas, espaços de fala, de lazer e de cultura, reivindicações estas, previstas na Constituição Federal de 1988 e no Estatuto da Juventude de 2013.

O movimento atual da juventude se assemelha muito com as manifestações culturais da década de 80, cada grupo em seu espaço, produzindo arte, cultura e movimento de resistência, em grupos diversos, uma diferença é que com o acesso as mídias sociais é possível participar e conhecer grupos e coletivos em vários lugares, fazendo parte destes coletivos até mesmo nas redes sociais. Um processo de identificação individual e coletiva, sendo uma experiência única e mutável.

TÍTULO IIDOS DIREITOS E GARANTIAS FUNDAMENTAISCAPÍTULO IDOS DIREITOS E DEVERES INDIVIDUAIS E COLETIVOSIX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença; (CONSTITUIÇÃO FEDERAL,1988)

Em exercício de direito como prevê a constituição os grupos juvenis seguem no processo de reconhecimento e práticas efetivadas nas suas criar e ocupar espaços para criação e construção de suas formas de viver.

Em uma sociedade que está quase que inteiramente construída por nossos investimentos culturais simbólicos, tempo é uma das categorias básicas através da qual nós construímos nossa experiência. Hoje, o tempo se torna uma questão-chave nos conflitos sociais e na mudança social. A juventude que se situa, biológica e culturalmente, em uma íntima relação com o tempo, representa um ator crucial, interpretando e traduzindo para o resto da sociedade um dos seus dilemas conflitais básicos. (MERLUCCI, 1989, 1996b. pg. 6 e 7)

Desta convivência e identificação foram surgindo grupos, coletivos e movimentos que desencadearam na transformação do cenário juvenil.

IDENTIFICAÇÃO DOS GRUPOS E IDENTIDADE

O ser humano se difere dos demais seres devido a sua capacidade de estabelecer relações e promover por meio delas transformações sociais:

Algumas influências sobre as diferenças individuais são inatas. Outras são oriundas da experiência. As características familiares, os efeitos de gênero, classe social, raça e etnicidade e a presença ou ausência de incapacidade física, mental ou emocional, todos afetam o modo como uma pessoa desenvolve-se. (PAPALIA, p. 33)

Cada indivíduo é único e suas experiências desde o nascimento serão incrementadas pelas convivências que cada um vivencia e as relações que se estabelecem, farão deste indivíduo diferente dos demais. Mesmo no contexto familiar as características adquiridas por cada indivíduo serão distintas, pois qualquer alteração, socioeconômica, histórica e psíquica, influencia na dinâmica do espaço e de como cada indivíduo irá se socializar e se desenvolver afirma Papalia.

Silvia Lane na reflexão sobre psicologia social vai trazer as reflexões acerca da necessidade da identidade individual para uma identidade coletiva.

O ser humano ao nascer necessita de outras pessoas para a sua sobrevivência, no mínimo de mais uma pessoa, o que já faz dele membro de um grupo (no caso, de uma díade — grupo de dois). E toda a sua vida será caracterizada por participações em grupos, necessários para a sua sobrevivência, além de outros, circunstanciais ou esporádicos, como os de lazer ou aqueles que se formam em função de um objetivo imediato. (LANE, 2006.p. 12)

Segundo Lane (2006), desde o primeiro momento de vida, o indivíduo está inserido num contexto histórico, pois as relações entre o adulto e a criança recém-nascida seguem um modelo ou padrão que cada sociedade veio desenvolvendo e que considera correta e conseqüentemente a leis e normas estabelecidas pela sociedade da qual agora pertence. Neste contexto, ao estabelecer relações o indivíduo irá conhecendo e se reconhecendo como parte daquele grupo. No entanto as relações grupais não estão somente

relacionadas ao grupo familiar (Primário), já que ao longo da vida outros grupos sociais (Secundário e intermediário) vão se fazendo presentes, sendo assim, cada indivíduo toma consciência de sua identidade social, ou seja, quem ele perante determinados grupos.

Lane apresenta em sua reflexão que cada indivíduo exerce um papel social nos grupos, onde cada um exerce seu papel de acordo com as normas estabelecidas pela sociedade. Cada indivíduo vai estabelecendo novas relações e a identidade individual vai se fazendo cada vez mais evidente.

Segundo Lane durante toda vida de cada indivíduo será caracterizada por participações em grupos, necessários para a sua sobrevivência, além de outros, circunstanciais ou esporádicos, como os de lazer ou aqueles que se formam em função de um objetivo imediato. Dentre os grupos teremos os primários e intermediários.

O grupo social primário não é escolhido de acordo à identidade individual, ou seja a família, já os intermediários acontecem de acordo com interesses e necessidades de cada ser afirma Lane.

Na lógica da categoria juvenil os agrupamentos, gangues e coletivos são notórios e apresenta características próprias de cada geração. Groppo traz o dialético dessa categoria social e conseqüentemente suas intervenções sociais.

As sociedades, em processo de "modernização", engendram, desde o início deste processo, e em ondas sucessivas que abarcaram cada vez mais parcelas das sociedades ocidentais e não ocidentais inúmeros grupos juvenis. A primeira modalidade de grupo juvenil é justamente aquela organizada pelas instituições do "mundo adulto", a saber, escolas, orfanatos, internatos, casas de

correção, escotismo e juventudes de igrejas, partidos e Estados. (GROPPO, 2000. p. 14)

As formas de organização juvenil quebram com as formas apresentadas socialmente até então, a juventude que estigmatizada ao longo da história traz em suas organizações um novo modo de ser e fazer, criando espaços próprios de lazer e participação.

No capítulo da dialética das juventudes Groppo faz uma análise das teorias de Mannheim e agrega nelas críticas e percepções fundamentais aos resultados sócias das experiências juvenis. Faz a reflexão da importância do início do reconhecimento da diversidade das vivências juvenis de acordo com a classe social, o gênero, a etnia, nacionalidade e etc.

As teorias críticas acabariam por valorizar as chamadas subculturas juvenis, especialmente os estudos culturais – mais tarde, nas teorias pós-críticas, as subculturas são renomeadas como culturas, estilos, grupos, identidades, "tribos" etc. Valorizam-se cada vez mais as experimentações de pequenos coletivos e indivíduos que ressignificam ou transgridam a cultura e os valores sócias vigentes, muitas vezes dando a novos valores, comportamentos e bens culturais integrados ao mercado de consumo, mas podendo detonar um permanente estado de resistência ou criação transgressora. (GROPPO, 2017, pág. 84)

Os coletivos juvenis reconhecem sua importância não para um contexto nacional e político, mas como um processo de reconhecimento local e de seus pares, como produtores de cultura e ações transformadoras, sejam por meio de discussões políticas,

expressões artísticas e movimentos culturais variados proporcionando a si e aos seus espaços onde possam ser agentes transformadores.

Em São Paulo, coletivos e ações culturais tomam as ruas e as praças dos centros e das periferias com manifestações e expressões da cultura periférica, espaços estes apartidários, onde não um único representante, cada um se representa, fala por si e pelo grupo. Slam, Saraus, batalhas de Rima, literatura marginal entre outras, são as formas de expressão e participação da juventude no cenário atual.

É importante ressaltar que essas organizações tem maciça participação no período atual, mas nasce nas periferias com o movimento Hip Hop ainda na década de 90, conjuntamente a valorização da cultura periférica ainda naquele período afirma MAIA 2016. Cultura essa identificada por todos os “periféricos”.

Organizar-se em grupo era uma forma de defesa e proteção dos mesmos como afirma a citação abaixo:

A seleção de quem faz parte de um grupo estaria vinculada às referências e gostos compartilhados, a composição do visual, a participação nos locais de encontro e lazer e a partilha de um objetivo comum. Trata-se, em última instância, do instinto de autopreservação investido na imagem do mais forte, do guerreiro, seja na construção individual ou no uso da imagem do grupo— aquele que ninguém vai querer confrontar. (MAIA, pág. 73)

A juventude da periferia sempre fora dos arranjos e políticas culturais, reconhece seus movimentos e se fortalece enquanto grupo, vão ganhando visibilidade, quando uns e outros acabam atingindo cenário nacional. Identificação e reconhecimento.

Devido às condições socioeconômicas não conseguem acessar a cultura socialmente valorizada, os saraus eruditos dos grandes teatros passam a acontecer na rua, com Mestre de Cerimônias, poesias, grafites e muita música. Herança dos primórdios do Hip Hop, ressignificando espaços e numa formulação quase anarquista, rompendo com a lógica sistêmica assim como os punks na década de 80.

Em um movimento crescente a juventude segue ocupando os espaços e reivindicando seu direito a cidade.

O direito à cidade é também reivindicado por coletivos ligados à produção cultural, como relata Silvia Viana, que colocam a ocupação do espaço público como agenda e prática. As cidades brasileiras são cada vez mais e em vários momentos não apenas palco, mas objeto de intervenções desses coletivos...(CIDADES REBELDES,pg.14)

Estes movimentos não se restringiram aos grandes centros, que ainda continuam sendo referência, mas com as redes sócias e os nascidos dessa era digital, a cultura de rua vai se conectando a diversas cidades chegando às cidades interioranas, onde coletivos passam a se organizar e a identificar suas realidades, com poesias em forma de protesto trazem uma nova cara as cidades. Com ela, chegam também os bens de consumo, as vestimentas e os valores vão sendo incrementados de acordo com a realidade local.

Parece um único movimento, mas suas individualidades ficam perceptíveis em cada nova ação e manifestação. São Paulo a grande metrópole brasileira segue com um numero significativo de coletivos e aos seus redores

a juventude cada vez mais segue ocupando seus espaços. De norte a sul do estado. No vale do Paraíba, ações coletivas como estas vêm ganhando força e visibilidade.

Mais precisamente no município de Lorena acontecem todas as terças-feiras o Sarau na rua. O sarau na rua iniciou em agosto de 2016 em uma ação conjunta de dois coletivos, "Todo Som" com musicalidades diversas e o "Saúdosa Maloca" do hip hop, com o intuito de fazer a junção dos coletivos e criar um espaço de partilhas, expressões artísticas e as faces do hip hop. Segundo um dos criadores do coletivo o nome foi escolhido por representar o formato da ação, A proposta era ser um espaço democrático, aberto, onde não houvesse espectadores e sim um convite a partilhar a arte e discutir questões sobre a construção da sociedade e seu desenvolvimento.

A partir de então em umas das praças centrais na cidade de Lorena, jovens passaram a participar assiduamente do Sarau, com musicas, grafites, telas, poesias. O sarau já acontece há um ano, alguns da formação inicial não estão mais na organização, em uma proposta coletiva a juventude faz acontecer, pois o espaço foi criado por eles e somente eles podem interferir neste espaço. O fluxo de jovens que antes não existia no local, nas terças-feiras a juventude toma conta do espaço, não é somente dois coletivos, agregaram a "turma do Skate" dos patins, do BMX¹, fotógrafos e dentre as vivencias no movimento surgem novos coletivos, grupos musicais e discussões importantes para valorização dos seus pares e efetivação da participação social juvenil.

Os jovens que participam acreditam na ação realizada e levam o nome para suas cidades, sempre com participações de jovens das cidades vizinhas.

Diretamente do parque rodovia, rua 2,
Lorena
Prefeitura que arrumar problema
Porque pra ela, nós somos o problema
Não nos deixamos se por em algema
Que pena
Meu pensamento sempre vai voar
E Minh 'Alma sempre estará plena
Não tema
Muita gente não atura
Porque eu trabalho com o certo
E a verdade de se ouvir é dura
O rap é o desabafo que minha alma
procura
Tia não liga pra viatura
Qual é o problema de um bando de
loucos unidos na rua trocando cultura?
Mas se quiser ligar, fica a vontade e
perde seu tempo
Enquanto isso terça nois ta de sarau,
quinta batalha do conhecimento
Domingão tem sangue na praça De
domingo a domingo to no movimento
É correria mas aguento
Pois o rap é meu sustento
Então demonstro meu talento
Nesse Brasil que tá lento
Tentam nos calar mas pra bater de
frente não falta argumento

Poeta e Rapper Anderson Leonardo

CONCLUSÃO

Concluimos então que as expressões juvenis não são finitas e elas trazem consigo uma inovação, refazendo história e deixando um legado de participação social a sua maneira. Vale ressaltar que ao longo da pesquisa bibliográfica pode-se notar o quão rica vem sendo as pesquisas e aprofundamento dos pesquisadores na categoria com o intuito de desmitificar os conceitos juvenis ainda tão

enraizados na sociedade. A crise não está na juventude, a crise é institucional e a Juventude vem a sua maneira ditar novas formas de organização para que ela não seja mais uma vez o grupo invisibilizado e esquecido pela políticas publicas no Brasil. É preciso compreender as expressões juvenis e a partir dela, junto dela e por ela criar políticas publicas que correspondam as realidades diversas da juventude desse país.

REFERENCIAS

ABRAMO, Helena. Cenas Juvenis: Punks e Darks no Espetáculo Urbano. 1994. Ed.Scritta.

ALMEIDA, Renato. Novos canais de participação juvenil no Brasil Contemporaneo. Livro: Visibilidades Juvenis. 2010 Org's Hilário Dick e Lourival Rodrigues. Ed. Casa da Juventude. Pag. 71-83.

BRASIL, Republica Federativa .Constituição da Republica Federativa do Brasil. 1988.

BRASIL, República Federativa. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Nº 12.852 de 21 de outubro de 1992. Decreto de regulamentaçãoº 39.059, de 16 de agosto de 1994.

BRASIL, República Federativa. Estatuto da Juventude. Lei nº5.12.852 de Agosto de 2013. Secretária Nacional de Juventude.

GROPPO, Luís Antônio. A dialética das juventudes modernas e contemporâneas. Revista de Educação do Congeime. Juventude e Educação. Ano 13. Nº 25 . Dez/2004.

GROPPO, Luís Antônio. Introdução à Sociologia da Juventude. Jundiaí. Pacto Editorial, 2017.

GROPPO, Luís Antônio. Juventude: ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro.Defel 2000. 308p. (Coleção Enfoque Sociologia).

Harvey, David. Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. Varios Autores. 2012. Ed. Boitempo.

LANE, Silvia T. Maurer O que é psicologia social / Silvia T. Maurer Lane. — São Paulo : Brasiliense, 2006. — (Coleção primeiros passos ; 39).

MAIA,Harika. Grupos, redes e manifestações: A emergencia dos agrupamentos juvenis nas periferias de São Paulo. Dissertação de Mestrado, Puc/SP.2014.

RODRIGUES, Rafael.Punk e Repressão: O movimento Punk no Brasil e sua repressão pelo Estado. Publicado em 02/07/2017. Disponível em:<https://whiplash.net/materias/biografias/265499.html>

_____.Portal São Francisco. **A origem do Moto Cross de Bicicleta (BMX).** Acessado em 05 de dezembro de 2017. <http://www.portalsaofrancisco.com.br/esportes/bmx>

MELUCCI, Albert. Juventude, tempo e movimentos sociais Alberto Melucci Universidade degli Studi di Milano Tradução de Angelina Teixeira Peralva Publicado em: Revista Young. Estocolmo: v. 4, nº 2, 1996, p. 3-14.